

São Tomé processa portuguesa por estudo sobre consumo de álcool

Investigação revela dados “preocupantes” entre grávidas e crianças em idade escolar e autora alerta para inação do Estado. Governo diz que é “mentira”



O consumo durante a gravidez provoca elevada taxa de síndrome alcoólica fetal



O maior problema reside nas bebidas caseiras

Sofia Cristino
mundo@jn.pt

POLÊMICA O Governo de São Tomé e Príncipe apresentou uma queixa-crime contra uma investigadora portuguesa que publicou um estudo revelando o consumo de álcool por crianças e grávidas e denunciando a inação do Estado e o apoio à importação de produtos alcoólicos, enquanto taxa a do leite.

O trabalho de Isabel de Santiago, investigadora da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL), é uma “autêntica e vergonhosa mentira”, que causa “danos irreparáveis à imagem do país”, lê-se num comunicado divulgado pelo porta voz do executivo, Adelino Lucas. Além de denunciar “comportamentos de pessoas com interesses inconfessáveis políticos”,

diz que a investigação “cai em saco roto quando os dados estatísticos referem que nunca se importou e se tem vindo a consumir tanto leite e refrigerantes como nos últimos tempos”. Não sus- tenta, porém, estes dados.

ÁLCOOIS CASEIROS

O problema do alcoolismo em São Tomé não será de agora. Quando chegou ao ar- quipélago, há 26 anos, Ma- nuel António, hoje bispo da diocese de São Tomé e Prin- cipe, encontrou um país com “uma forte tradição de consumo de álcool”. O estu- do da investigadora da FMUL, incidindo sobre o consumo de álcool e drogas em meio escolar no país e di- vulgado há poucos dias, mostra que o problema é hoje “bem mais preocupan-

te”. Até porque “nada está a ser feito para o impedir”, alerta Isabel de Santiago.

A investigação mostra que muitas mulheres bebem durante a gravidez e várias crianças nascem com sín- drome alcoólica fetal. Nos próximos 25 anos, antevê, “metade dos jovens vão morrer com cirroses e can- cro do fígado”.

Outra das conclusões é que a importação de vinho é “600% superior à do leite” e que há crianças a beberem cachamba (aguardente de cana) em vez de água ou leite antes de irem para a esco- la. O álcool é mesmo um dos principais produtos impor- tados pelo país, segundo o guia do investidor de São Tomé, que não contabiliza

“os álcoois tradicionais, são produzidos por pessoas nas comunidades e vendidos de forma ilícita”, alerta ainda Isabel de Santiago. “Nada disto é controlado pelas au- toridades de saúde pública, levando a que as crianças consumam de forma mais excessiva”.

São Tomé também impor- ta muito açúcar, “mas a maior parte é transformado pelos produtores de aguar- dente em álcool, altamente nocivo para a saúde”, alerta a também professora na FMUL. Análises feitas pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil a amos- tras de álcoois recolhidas durante os meses de obser- vação, concluíram que “são produzidos sem controlo

sanitário e com metais pe- sados”, diz.

Perante a reação do execu- tivo, Isabel de Santiago ga- rante ser uma tentativa de “esconder um problema muito grave”.

“Não vale a pena tentarem abafar, as conclusões são ba- seadas em evidências cien- tíficas. Este Estado está a matar o povo. É um estudo que incomoda muita gente, mas não vou desistir”, pro- mete, argumentando que o país tem incentivado o con- sumo de álcool com a toma- da de decisões políticas como “a redução da taxa de importação do álcool e a co- brança de taxas de desalfan- degamento pelo leite doado pelo banco de leite. É desu- mano e é um crime”. ●